

RETOMAR AS RUAS ATRAVES DE UM SOM"MOVEL, MODULAR E AUTONOMO": O CASO DO PROJETO NUVEM DENTRO DO PROCESSO DE PRIVATIZAÇÃO DA CIDADE DE RIO DE JANEIRO

Laura Burocco, Doutoranda Escola de Comunicação Universidade Federal do Rio de Janeiro
ECO/UFR – Pesquisadora LabTec

Resume: O Rio de Janeiro, um dos principais centros das economias emergentes do sul, dentro do intenso processo de mudança ao fim de se tornar mais atraente e competitivo, esta também passando através de um processo de neutralização dos espaços públicos, contra qualquer politica de diferencia, ao fim de tornar o espaço urbano mais facilmente administrável e controlável. Mas tem alguém que resiste a esta pacificação, neutralização e homogenificação do espaço e da experiência urbana, transformando a a rua em um laboratório. Este artigo apresenta, entre sucessos e derrotas, a experiencia de resistência "móvel, modular e autônoma" do Projeto Nuvem, assim como definida pelos integrantes do coletivo.

Palavras chaves: Mobilidade, Espaço Publico, Nomadologia, Esperiencia Urbana

Abstract: Rio de Janeiro, one of the main centers of the new emerging economies of the South, is going through an intense process of change in order to become more attractive and competitive, meaning that is also going through a process of neutralization of public spaces, against any policy of difference, in order to make urban spaces more easily manageable and controllable. But someone resists to this pacification, neutralization and homogenization of space and urban experience, turning the street in a laboratory. This article presents, among successes and failures, the "mobile, modular and autonomous" experience of resistance of the Projeto Nuvem as defined by the members of the collective.

Key words: Mobility, Public space, Nomadology, Urban Experience.

Introdução - Nos últimos dez anos o Brasil vem se afirmando no panorama internacional como uma das novas economias emergentes do hemisfério sul concorrendo com outros países, como por exemplo Índia e África do Sul, na entrada no circuito do mercado internacionalⁱ. Esta competição se reflete de forma evidente na produção do espaço urbanos das cidades Brasileiras e a cidade do Rio de Janeiro oferece um valioso exemplo de como o modelo da "cidade mercadoria"ⁱⁱ esta sendo aplicado através de uma alta privatização de espaços públicos assim como de um

processo de gentrificação difuso.

Se o movimento que deu vida as “Jornadas de Junho” do 2013, teve o seu ponto de partida nos protestos relativos ao aumento do transporte público e a precariedade da situação de mobilidade urbana, um outros aspecto - talvez menos tangíveis – determinou a reação da multidão: a regulamentação do espaço público e o consequente controle e disciplina à qual os cidadãos estavam sendo sujeitos no dia a dia das próprias vidas, particular e público, nas próprias cidades. Este controle e regulamentação, que acabou sendo acelerada pela vinda do megaevento da Copa 2014 estava já vindo lentamente e sutilmente se manifestando no malcontento das pessoas desde uns anos, e se manifestou em uma reação pública massiva em Junho do ano passado. Diferentes foram as formas que as resistências assumiram; entre elas irei apresentar neste artigo a resistência “móvel, modular e autônoma” do Projeto Nuvem assim como definida pelos integrantes do coletivo na primeira página do catálogo “Nuvem” cuja publicação foi financiada pelo Programa rede da Rede Nacional Funarte Arte Visuais, Ministério da Cultura em 2009.



Foto: Nuvem em duas rodas, Time Out Rio de Janeiro, 2011

O Projeto Nuvem - O projeto tem uma infraestrutura simples, consistente em um equipamento de som móvel instalado em cima do triciclo, seis pessoas nas próprias bicicletas enfeitadas de purpurina e leds coloridos pedalando e discotecando na rua, guiando uma multidão de pessoas que pedalando acompanham a festa para aonde ela vai. Os integrantes do coletivo, um web designer, um programador, um fotógrafo, um técnico do som, um artista plástico e um maquiador, representam todos um bom exemplo do que em vários lados do mundo está se definindo como “criativos”, entendidos não apenas como “excêntricos” ou “moderninhos” mas como representantes de uma nova classe social, a “classe criativa”, que reside nas “cidades criativas” e que se torna o motor de uma nova economia, a “economia criativa” de certa forma um antídoto achado a grave crise do trabalho que as gerações contemporâneas de jovens trabalhadores enfrentam ⁱⁱⁱ. O aumento deste tipo de profissionais e a internacionalização das ofertas recreativas culturais da cidade, confirma o ingresso do Rio de Janeiro dentro de um mercado global, mais competitivo em diferentes âmbitos econômicos. Desde o momento que a cidade foi escolhida não apenas pra sediar a Copa do Mundo 2014 mas assim como os Jogos Olímpicos do 2016, uma forte injeção de capital nacional e internacional está mudando não apenas a “cara da cidade” assim como a própria estrutura interna de mercado e de emprego, e conseqüentemente o seu tecido social.

Entre os integrantes, dois já tinham participado entre 2007 e 2010 de um coletivo de performances chamado Larica. O Coletivo Larica “um sistema de som parcamente instalado, um isopor, e a presença das figuras mais ímpares ocupando os espaços e contextos mais ex- cêntricos da cidade” ^{iv} de forma similares à Nuvem ocupava espaços públicos pra realizar intervenções de site specific. A análise dos elementos que compõem esta experiência se baseia na definição dos próprios integrantes:

A plataforma multidisciplinar Nuvem surgiu em 2011 por meio de uma iniciativa de financiamento coletivo. Foi concebida para ser móvel, modular e autônoma; poder dialogar com diferentes aspectos da cidade na relação entre seus agentes e espaços explorados em seus happenings; para ocupar espaços públicos com música; e para promover o encontro aleatório entre pessoas em um determinado local de forma gratuita. Assim, posiciona-se em oposição a iniciativas particulares e comportamentais que privilegiam a cultura da exclusão e da formação de nichos

Primariamente a iniciativa levanta a questão do “fazer coletivo”, não apenas na forma

do financiamento, um *crowdfunding* de dois meses através do qual a compra dos equipamentos para o desenvolvimento do projeto se torna possível, mas também pela forma colaborativa da organização e adesão na diluição do sentido de autoria. Na declaração dos integrantes “Buscamos encontrar as ideias que temos em comum para funcionar como um somatório das habilidades individuais na formação de um *happening*”^v.

Se define como “móvel, modular e autônoma” finalizada à abertura de um dialogo (ou pelo menos ao despertar umas questões) sobre: mobilidade urbana, espaços públicos, acessibilidade, integração social, heterogeneidade, temporariedade tudo de uma forma divertida e lúdica. A experiência do Larica e da Nuvem trazem uma forma parecida de “ocupação artístico/criativa de espaço urbano” mas se diferenciam no feito da mobilidade e do caráter repentino que a Nuvem, como intervenção de bicicleta, se propõe. “O grande barato da Nuvem é o seu aspecto repentino, talvez não para nós que estamos todos conectados e somos amigos na internet, mas no espaço/situação que ela provisoriamente habita”^{vi}. A música é um dos seus elementos mais representativos. “Quando a Nuvem chega, a música convida todos que estão presentes a participar. A música da Nuvem é gentil (assim como os seus integrantes) e se mistura com o ambiente, interagindo com a paisagem sonora. É um convite, um chamado, mas também desenha o clima, agindo e expondo o temperamento do lugar”^{vii}.

Na promoção de encontros aleatórios entre as pessoas, e na sua vontade de “gozar das ruas”, cria uma referencia ao flunar do João do Rio na Bele Époque Tropical carioca e, na oposição a cultura de exclusão e da formação de nichos, um convite à apropriação de espaço públicos sempre mais mercantilizados dentro da cidade do Rio de Janeiro. Além disso o projeto acaba se estendendo em outras cidades do Brasil (Curitiba, Porto Alegre e Campinas) na realização de umas oficinas de multiplicadores de errantes.

Um olhar theorico sobre o Projeto - Por seculos a velocidade foi considerada como sinonimo de modernidade. A introdução massiva do automóvel e a consequente necessidade de criação e ampliação das ruas representou uma mudança significativa da fisionomia das cidades não apenas em tempos remotos, mas também em casos

mais recentes ^{viii}. Como consequência desta as grandes cidades pareciam facilitar um movimento não apenas físico mas também mental, proporcionando diferentes estímulos e ocasiões de encontros e de troca. Se este podia ser verdadeiro na primeira fase de urbanização, agora dentro do processo de globalização pelo qual o mundo está passando algumas dúvidas podem ser levantadas. George Simmel^{ix} já no começo do século XX no seu ensaio “A Metrópole e a Vida Mental” alertava como nas grandes cidades todos os fatores que levam o indivíduo à forma mais alta de impessoalidade (anonimato) são os mesmos que permitem-lhe de desenvolver a mais alta forma de personalismo (individualismo). A forma que os indivíduos encontram para sobreviver à hiper-estimulação da grande metrópole é anestesiando-se uns aos outros, criando aquilo que pode ser definido como “uma coletividade sozinha” que acaba sendo o exato oposto do que a cidade moderna, entendida como uma concentração de estímulos e de encontros, se propunha ser. Ainda mais em época recente, o efeito da globalização entendida como a homogeneização dos gostos e dos desejos, tem um efeito quase curto-circuito na capacidade de escolha individual, tornando o espaço e a experiência urbana altamente homogeneizado.

Assim o Rio de Janeiro, um dos principais centros das economias emergentes do sul, dentro do intenso processo de mudança ao fim de se tornar mais atraente e competitivo está também passando através de um processo de neutralização dos espaços públicos, contra qualquer política de diferenciação^x na busca da eliminação dos conflitos e das disputas entre diferentes, ao fim de tornar o espaço urbano mais facilmente administrável e controlável. Mas tem alguém que resiste a esta pacificação, neutralização e homogeneização do espaço e da experiência urbana, alguém que transforma a rua em um laboratório. A rua para esse tipo de homem funciona na sua plenitude, é um campo aberto de novidades, o lugar de criação de tipos sociais, porque a rua é reconhecida para ter alma. É ‘essa alma que, olhada, produz uma luz guia que transforma as pessoas, principalmente aqueles que conseguem perceber o movimento dela, sem perder a própria consciência individual. A dimensão espacial se torna indissociável da condição humana e a definição do indivíduo implica sua espacialização ou sua territorialização. Na “Sociedade do Espetáculo” Debord afirma que a produção

capitalista unifica o espaço, tornando-o homogêneo dentro de um processo de banalização. Apesar desta homogeneização existir, não significa que consegue tirar o sujeito homologado do próprio território. Na “cidade luminosa” uma mecânica rotineira cria um sistema de gestos sem surpresa aonde espaços são fechados, racionalizados e homogêneos; nas zonas opacas que fogem a esta homologação os espaços são abertos, onorgânicos, criativos ^{xi}.

Estes resistentes urbanos assumem vários nomes: homens lentos para Milton Santos ^{xii}, praticários do ordinário da cidade para Michael de Certeau, sujeitos corporificados para Maria Clara Torres ^{xiii}, ou vagalumes para Pier Paolo Pasolini. ^{xiv} Todos eles encontram um precursor nas modernas metrópoles ocidentais no XVIII e XIX séculos: o rambler e a cyprian em London, o flaneur em Paris ^{xv}. Rendell descreve a figura do rambler como o errante na procura de prazeres sexuais e a cyprian como o objeto feminino do desejo dele, encontrado nos bairros da classe operária na cidade de Londres do fim do XIX ^{xvi}. Charles Baudelaire, na década de 1860 oferece um mais conhecido retrato do flâneur parisiense, como o artista-poeta da metrópole moderna, figura que será retomada por Walter Benjamin no incompleto Projeto Arcades como uma figura essencial na observação da vida urbana moderna da cidade de Paris pelo feito de ser ao mesmo tempo um investigador da cidade e um sinal da alienação da cidade e do capitalismo. ^{xvii} Estas figuras encontram na literatura errante do João do Rio ^{xviii}, pseudônimo de Paulo Barreto, um excelente exemplo de literatura errante tropical.

São os “homens lentos” que segundo Milton Santos conseguem ver a cidade na sua multiplicidade, na variedade dos elementos que a constituem, eles percebem a importância da dimensão espacial da sociedade, na produção de novos territórios; nas intensidade das mudanças interpretam os novos movimentos da sociedade. Os homens lentos “escapam ao totalitarismo da racionalidade” e por esta razão conseguem ver o futuro. O elemento espacial ganha a maior relevância, não apenas dentro da sua natureza geográfica, territorial e física mas também pelo conteúdo do cotidiano através do qual entendemos as relações entre espaços e movimentos sociais mediadas pela condição da ação, da estrutura do controle e do limite da ação. O trabalho do De

Certeau^{xix} se torna emblemático em relevar a importância da cotidiana ocupação do espaço público de forma anônima e dissensual (de forma anônima e individual). Cada um de nos vivendo na cidade inventa o próprio cotidiano de forma resistente – este processo de mudança do espaço acaba influenciando não apenas os “excluídos” da sociedade – qualquer sujeito que se relaciona de forma mais pessoal com a cidade se torna o “outro urbano” errante pela cidade, a dificuldade reside na dificuldade de trocar esta experiência errática. Agambem^{xx} afirma a destruição da experiência urbana devido à incapacidade de transmissão da mesma, já Huberman^{xxi} contrasta com esta ideia avaliando a experiência como indestrutível, mesmo que seja limitada ou deixada na clandestinidade como no caso dos homens lentos os dos vagalumes de Pasolini^{xxii} cuja narrativa se apresenta como uma resistência à luminosidade do espetáculo. No seu errar pela cidade o errante se repara com muitos “outros urbanos” na realização voluntária de uma experiência de diferenciação que cria uma micro resistência que pode atuar de forma desestabilizadora das hegemonias promovidas. Os vagalumes erráticos criam uma comunidade de desejos que vivencia uma experiência não planejada-desviatoria dos espaços urbanos. Estas errancias podem ser de anonimato, de estranhamento e fugacidade ou de participação e jogo mas sempre finalizadas a usos conflituais e dissensuais que criam uma diferença, uma fratura, um afastamento voluntário dos lugares mais familiares e cotidianos em busca de alteridade.

Na escolha lúdica – como a Nuvem poderia em parte representar - os errantes veem a cidade como um terreno de jogos e de experiências e tentam transmitir estas experiências através de narrativas errantes que torna possível aprender a cidade de outra forma. Neste sentido o Projeto Nuvem, na sua forma móvel, lúdica e hedonista teria um ótimo potencial na criação de uma experiência errática na cidade de Rio de Janeiro além do feito de trazer o elemento da coletividade e da surpresa. A experiência urbana dos errantes enfatiza a questão do corpo, do ser outro dentro da cidade, o potencial da vida coletiva. A vizinhança não é entendida exclusivamente como ausência de distância física mas como a intensidade que gera nas suas inter-relações, e como a possibilidade de criar solidariedade, laços culturais e portanto identidade^{xxiii}. Esta comunhão se torna um elemento de produção de consciência pela fermentação dos

homens no mesmo espaço voluntariamente fechado, uma acumulação que gera uma mudança movida pela afetividade e pela paixão levando a uma percepção holista do mundo e dos homens.^{xxiv}

Conclusões - Tendo em conta todas estas observações podemos definir o Projeto Nuvem como uma experiência errática na cidade do Rio de Janeiro no começo do XXII século? Apesar do projeto fazer referencia no próprio catalogo à existência de um ilustre precedente nas Derivas dos situacionistas franceses e na psicogeografia, o projeto não conseguiu se definir como uma experiência errática de ruptura, assim como entendida pelos errantes, que não apenas erram, mas também subvertem. Pouco antes da explosão das manifestações nas ruas cariocas em Junho 2013 o projeto Nuvem acabou se tornando umas das mais populares festas no Rio de Janeiro, levando uma multidão de “adeptos”. Apesar deste efeito contagioso coletivo poder ser visto como o surplus da multidão^{xxv} - o sucesso da Nuvem não esta apenas na brilhante ideia de seis pessoas mas na resposta que a ideia conseguiu disparar entre a multidão que, através do poder multiplicador das redes sociais, se comunica e se espalha^{xxvi} – infelizmente o projeto não soube, não conseguiu, ou não quis direcionar aquelas energias em uma posição de *“oposição a iniciativas particulares e comportamentais que privilegiam a cultura da exclusão e da formação de nichos”* assim como tinha se proposto no começo. Ficou a falta de clareza sobre a natureza da participação das pessoas ao projeto e o entendimento do mesmo. Até que ponto aquela ocupação temporária de um território livre era entendida simplesmente como um passeio hedonistas, uma festa purpurina a mais dentro do panorama festivo carioca, ou conseguia ter um valor simbólico assim como um valor politico? A experiência da errancia como “experiência de diferencias” acabou se diluindo num passeio divertido entre pessoas criativas e variadas mas que estava longe de criar uma forma desestabilizadora das hegemonias promovidas. Não estava se atuando um afastamento voluntario de lugares familiares na procura de “outros urbanos” mas uma prazerosa reunião móvel de amigos.

No capítulo (ou “platô”) 12 do livro Mil Platôs, de Gilles Deleuze e Félix Guattari,

intitulado “Tratado de Nomadologia, a maquina de Guerra” os autores introduzem o conceito de nomadologia entendida como uma historia escrita por nômades. Uma historia que esta na margem, nos desvios em um perene movimento, que se opõe a historia escrita do ponto de vista sedentário e unitário do estado e que por isso se define como uma “maquina da Guerra”. Em acordo com a Nomadologia, a forma que os errantes encontram para se adaptar à cidade é alisando o espaço com as suas praticas. O espaço da cidade é alisado temporariamente através da experiência da errancia em um movimento continuo que confirma como os espaços da cidade não são fixos. Os errantes procuram espaços lisos na cidade (o que Milton Santos define de zonas opacas) como espaços de resistência e até tentam transformar momentaneamente espaços luminosos (estradados) em opacos (lisos). Pode se imaginar que na escolha de algumas das localizações dos eventos promovidos pelo Projeto Nuvem tivesse uma vontade de “mudança de luzes” da cidade. Lugares mais luminosos - como a praia - se tornam o cenário por uma ocupação que iam além do permitido; lugares menos luminosos – como umas praças do centro – se iluminaram por uma noite ou um dia que fosse a duração do evento, mas s o triciclo da Nuvem não conseguiu se tornar a maquina de guerra da comunidade dos desejos que o Deleuze e Guattari descrevem no tratado de nomadologia.

Muitas coisa aconteceram nos últimos quarto anos no Brasil, o contexto mudou profundamente e as limitações do utilizo do espaço publico estão crescendo sempre mais; junto com isso o feito do projeto ter alcançado uma grande popularidade aumentou a visibilidade do mesmo. Foi neste momento que faltou, talvez, a possibilidade de desacelerar, refletir sobre o posicionamento do grupo em relação as razões que levaram os promotores e os mesmo “adeptos” a se engajarem com a ideia. O projeto que queria reverter o aceleramento, ficou sendo acelerado demais. Neste atropelamento, o processo de institucionalização acabou comprometendo a sua espontaneidade desviando a utopia da ocupação dos espaços públicos de forma “móvel, modular e autônoma [...] em oposição a iniciativas particulares e comportamentais”.

No mesmo momento, o projeto tomou uma decisão bastante contraditória escolhendo

uma sede física “imóvel” a Casa Nuvem, no centro da Lapa. A Casa se propõe como um espaço compartilhado de troca permanente, mas pelo mesmo feito de ser um imóvel contradiz o caráter móvel das errancias, apesar de satisfazer o aspecto errante do erro, implícito nas propostas da casa. Mas assim como se lê no catálogo Nuvem “é interessante pensar nas refrações da Nuvem com as recentes manifestações no Brasil. manifestações que não param. A Nuvem não para”.

As manifestações durante a Copa do Mundo 2014 decepcionaram as expectativas. Contrariamente ao que se pensava, a multidão não estava nas ruas, assim como a Nuvem não representa uma “nuvem sonora pela cidade” nas ruas da cidade do Rio de Janeiro a muito tempo, mas como a cidade não é um sujeito fixo e a nuvem não para, podemos esperar em novos desdobramentos do projeto, quem nem necessariamente deveria vir pelo grupo originário, ainda mais desta forma a intenção originária de uma diluição do sentido de autoria em uma experiência de caráter afetivo e colaborativo.

Notas:

ⁱ Se pense no BRICS, a associação das cinco grandes economias nacionais emergentes: Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, esta última incluída em 2010. Os membros do BRICS são todos países em desenvolvimento ou recém-industrializados, distinguidos para ser grandes economias de rápido crescimento e influência significativa sobre assuntos regionais e globais; todos os cinco são membros do G-20. Menor, mas não menos importante, o Fórum de Diálogo IBSA (Índia, Brasil, África do Sul) é um agrupamento tripartite internacional para promover a cooperação internacional entre esses três países. O Fórum funciona como um estímulo à cooperação Sul-Sul e à maior compreensão entre três continentes importantes do mundo em desenvolvimento, ou seja, África, Ásia e América do Sul. O fórum oferece os três países com uma plataforma para se envolver em discussões para a cooperação em matéria de agricultura, comércio, cultura, segurança e desenvolvimento urbano, entre outros. O Fórum de Diálogo IBSA desempenha um papel cada vez mais importante nas políticas externas da Índia, Brasil e África do Sul. Tornou-se fundamental para a promoção de uma coordenação cada vez mais estreita sobre questões globais entre três grandes democracias multiculturais e multirraciais da Ásia, América do Sul e África.

ⁱⁱ Existe uma vasta literatura sobre a dita “privatização do planejamento” por exemplo: Osborne, 1993; Borja e Castells, 1997; Maricato, 1997; Sanchez, 2001; Levy 2001; Kipfer, 2002; Turok, 2004. O Prof Carlos Vainder do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano IPPUR da UFRJ explica o conteúdo da definição “cidade mercadoria” no capítulo “Pátria, empresa e mercadoria: notas sobre a estratégia discursiva do Planejamento Estratégico Urbano” publicado no livro *A cidade do pensamento único* amplamente difuso na literatura urbanística brasileira.

ⁱⁱⁱ O conceito da classe criativa e da cidade criativa foi criado para Richard Florida o chefe de departamento do Martin Prosperity Institute na Rotman School of Management da Universidade de Toronto. Entre estudiosos da classe e cidade criativa: Roberta Comunian, Peter Hall, Jamie Peck, Alec MacGillis, Deborah Leslie, Thomas Borén, Craig Young, Christopher Dreher, Peter Marcuse.

^{iv} Nuvem, Catálogo publicado pelo Programa Rede Nacional da Rede Nacional Funarte Arte Visuais, Ministério da Cultura

^v Nuvem, Catálogo publicado pelo Programa Rede Nacional da Rede Nacional Funarte Arte Visuais, Ministério da Cultura

-
- vi Nuvem, Catalogo publicado pelo Programa rede Nacional da Rede Nacional Funarte Arte Visuais, Ministerio da Cultura
- vii Nuvem, Catalogo publicado pelo Programa rede Nacional da Rede Nacional Funarte Arte Visuais, Ministerio da Cultura
- viii Pensa-se aos planos de reforma urbana do seculo XX, como foi o plano do Haussman in Paris ou do Pereira Passos no Rio de Janeiro, assim como a planos bem mais recentes como do Mosses in New York dos anos cinquenta cujos efectos estao retratados pelo Marshall Berman in "All That Is Solid Melts Into Air: The Experience of Modernity" e em tempos atuais à derubada da Perimetral no Rio de Janeiro.
- ix George Simmel, A Metropole e a Vida Mental, O Fenomeno Urbano, Zahar Editores, 1979, pp11
- x Sobre Politicas das diferencias veja-se: Akhil Gupta and James Ferguson, Beyond "Culture": Space, Identity, and the Politics of Difference. Cultural Anthropology, Vol. 7, No. 1, (Feb., 1992), pp. 6-23
- xi Guy Debord, Society of the Spectacle, 1970. Radical America, Vol IV, n.5
- xii Milton Santos, 2006. A Natureza do Espaço. Tecnica e tempo, razão e emoção. Editora da Universidade de São Paulo 2006
- xiii Paola Berenstein Jacques, Elogios aos Errantes, 2012. Ed. Salvador : EDUFBA
- xiv Pasolini, PP., 1975. L'articolo delle lucciole, in "Corriere della sera" del 1° febbraio 1975
- xv Lindsay Bremner, 2010. Writing the city into being, Ed. Fourthwall Books
- xvi Jane Rendell, 2002. The Pursuit of Pleasure: London Rambling. In: Leach, N, (ed.) The Hieroglyphics of Space. (103 - 124). Routledge: London
- xvii Charles Baudelaire, 1863. The Painter of Modern Life – Translated and Edited by Jonathan Mayne, Ed. Phaidon Press
- xviii João do Rio, 1908. A Alma Encantadora das Ruas
- xix Michel de Certeau, L'invenzione del Quotidiano, 1990, Ed. Lavoro Roma
- xx Giorgio Agamben, 1978. Ensaio sobre a destruição da experiência. In: Infância e História: destruição da experiência e origem da história. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005
- xxi Georges Didi-Huberman, 2011. Sobrevivência dos vagas-lumes. Trad. Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- xxii Pier Paolo Pasolini, 1975. L'articolo delle lucciole, in "Corriere della sera" del 1° febbraio 1975
- xxiii Jean Louise Guigou, Une Ambition pour le territoire, aménager le temps et l'espace, éditions de l'Aube, 1995
- xxiv Jean Duvignaud. Lieux et non lieux, Paris, Galilée, 1977
- xxv Michael Hardt e Antonio Negri, Impero, Ed BUR, 2000
- xxvi Manuel Castell, La Nascita della Società in Rete, Ed. Università Bocconi, 2002

Bibliografia:

Agamben, G., 1978. *Ensaio sobre a destruição da experiência*. In: Infância e História: destruição da experiência e origem da história. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

Baudelaire, C., 1863. *The Painter of Modern Life* – Translated and Edited by Jonathan Mayne, Ed. Phaidon Press

Berenstein Jacques, P., 2012. *Elogios aos Errantes*, Ed. Salvador : EDUFBA

Berman, M., 1982. *L'esperienza della Modernità*, Ed. Il Mulino

Bremner, L., 2010. *Writing the city into being*, Ed. Fourthwall Books

-
- Castell, M., 2002. *La Nascita della Società in Rete*, Ed. Università
- Certeau, M., 1990. *L'invenzione del Quotidiano*, 1990, Ed. Gallimard
- Debord, G., 1970. *Society of the Spectacle*, Ed. Radical America, Vol IV, n.5
- Duvignaud. J., 1977. *Lieux et non lieux*, Paris, Galilée
- Guigou, J.L., 1995. *Une Ambition pour le territoire, aménager le temps et l'espace*, éditions de l'Aube
- Gupta A., Ferguson J., 1992. *Beyond "Culture": Space, Identity, and the Politics of Difference*. Cultural Anthropology, Vol. 7, No. 1, pp. 6-23
- Haesbaert, R., ?. *O Mito da Desterritorialização. Do Fim dos territórios ° multiterritorialidade*. Ed Bertrand Brasil
- Hardt M., Negri, A., 2000. *Impero*, Ed BUR
- Huberman, G., 2011. *Sobrevivência dos vagalumes*. Trad. Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- João do Rio, 1908. *A Alma Encantadora das Ruas*,
- Pasolini, PP., 1975. L'articolo delle lucciole, in "Corriere della sera" del 1° febbraio 1975
- Rendell, J., 2002. *The Pursuit of Pleasure: London Rambling*. In: Leach, N, (ed.) *The Hieroglyphics of Space*. (103 - 124). Routledge: London
- Santos, M. 2006. *A Natureza do Espaço. Técnica e tempo, razão e emoção*. Editora da Universidade de São Paulo;
- Simmel, G. 1979 *A Metropole e a Vida Mental, O Fenomeno Urbano*, Zahar Editores, pp11
- Vainer, C., 2000. "*Pátria empresa e mercadoria. Notas sobre a estratégia discursiva do planejamento estratégico urbano* ", in Arantes *A Cidade do Pensamento Único: desmanchando consensos*. São Paulo: Vozes.